



ENVIADESCER COM GLORIA ANZALDÚAPARA

Eixo Temático EIXO 20 - INSURGÊNCIAS DECOLONIAIS, DO FEMINISMO NEGRO E CUIR (QUEER) NA CONSTRUÇÃO DE POÉTICAS OUTRAS DA REVOLTA

João Paulo F. Tinoco¹

RESUMO

Este texto tem o objetivo de examinar a relação entre identidade e as subjetividades homoeróticas a partir do poema *Yo no fui, fue Teté*, escrito por Gloria Anzaldúa e publicado em 1987. Argumento com Anzaldúa que o heterossexismo tem sido violentamente imposto nos corpos queer a serviço da sociedade patriarcal. O poema traz reflexões em relação ao gênero, à violência e à sexualidade. Para isso, revisito as noções de Queer – uso enviadescer de Linn da Quebrada – e dos Estudos de Fronteira (Anzaldúa, 2009) para compreender como essa perspectiva outra me transforma, desconstrói meu intelecto, e, por conseguinte, ressignifica minhas práticas. Pois, compreendo que o meu corpo é uma arqueologia de minhas subjetividades.

Palavras-chave: Violência simbólica e física; Estudos Queer; Enviadescer; Poema; Anzaldúa.

¹ É doutor e mestre em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. lajptinoco@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/4884176328359563> <https://orcid.org/0000-0003-1580-8726>;



INTRODUÇÃO

Vai ter que enfiar
Enfiar, enfiar
(Linn da Quebrada)

Em 2015, durante o primeiro ano do meu mestrado em Letras, Estudos Linguísticos, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cidade de Três Lagoas, minha orientadora nos recomendou o texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* escrito por Gloria Anzaldúa. A carta chamou minha atenção primeiramente em relação ao chamado político que Anzaldúa, poetisa mexicana e norte-americana, desenvolve ao longo do texto. Ao seu tom político, Gloria entrelaça sua vivência e experiências, o que ela nomeou de *autohistoria*, para construir uma proximidade com suas companheiras, construindo, portanto, pontes de conexão com outras mulheres que enfrentam racismo, xenofobia, sexismo, homofobia etc.

Na época do meu mestrado, a professora Vânia Guerra e o professor Edgar Nolasco, ambos da UFMS, pontuaram a emergência de estudar o processo identitário que Anzaldúa traz em sua escrita, o que direcionou o propósito da minha tese defendida em 2021, cujo objetivo foi estudar a obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (2012), sobretudo a construção identitária da mulher chicana.

Desde então tenho buscado articular suas noções em meus textos. E cada vez que eu lia e leio seus textos entro num lugar de desejo de ter mais dela em mim. Ideias brotam sem controle. Pode ser meu TDAH² atravessando meu caminho de pesquisador. E por que não desfrutar desse foco que me ajuda tanto a repensar quanto a transformar minhas práticas? A autora queer sempre dizia: Eu me mudo, eu mudo o mundo. Dessa maneira, vejo-me nessa posição de fiar seus pensamentos teóricos com o intuito de construir um vai e vem de fazer-desfazer-refazer³.

Falo dum lugar de privilégios: sou homem branco cis. Vale ressaltar que venho praticando a desconstrução de minha escrita. Falo dum lugar de desconstruções: sou imigrante, gay afeminado, candomblecista, umbandista: ativista espiritual. Enfiar

² Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade.

³ Inspiro-me nos pensamentos de Edgar Cézár Nolasco.



minha escrita, portanto, é um ato de resistência, existência e descobertas. Enviadescer é tirar as máscaras da violência que de tão familiares não podemos percebê-las.

A partir disso, meu objetivo nesta escrita é investigar a relação entre identidade e as subjetividades homoeróticas a partir do poema *Yo no fuí, fue Teté*, escrito por Anzaldúa e publicado em 1987 na obra *Borderlands*. Uso a edição de 2012. Em seus textos, Anzaldúa argumenta que o heterossexismo tem sido violentamente imposto nos corpos *queer* a serviço da sociedade patriarcal, sobretudo agora que líderes, como Donald Trump, Jair Bolsonaro, para citar alguns, encorajam discursos de ódio baseados numa formação discursiva familiar que é imbuída de crenças dum modelo tradicional, ou seja, pai, mãe e filhos.

O poema *Yo no fuí, fue Teté* traz reflexões em relação ao gênero, à violência e à sexualidade. O texto é escrito em espanhol, dedicado aos amigos ativistas Mando Gaítan e Ronnie Burks. É um relato de um espancamento de um homem gay chicano por sua *misma raza*. O título *Yo no fuí, fue Teté* pode ser entendido como uma rejeição de uma responsabilidade ou culpa por algo, transferindo a autoria para outra pessoa.

Assim, para este estudo, fio-me em algumas noções Queer – uso enviadescer de Linn da Quebrada – e dos Estudos de Fronteira (Anzaldúa, 2012; 2009) para compreender como tais estudos podem me guiar para uma leitura descolonial. A tentativa é que essa perspectiva outra me afete, transforme, desconstrua meu intelecto, e, por conseguinte, ressignifique minhas práticas. Pois, compreendo que o meu corpo é uma arqueologia de minhas subjetividades, e quando reflito sobre perspectivas outras, inscrevo-me nelas articulando experiências vivenciadas a partir do meu lócus e bio, o que Anzaldúa (2009) nomeia de *autohistoria-teoría*. Posso dizer que sendo gay, queer, *atravesado*, afeminado, endemoniado, macumbeiro tem sido meu ponto de partida para minha prática intelectual. Portanto, é preciso enviadescer o pensamento heteronormativo hegemônico, cuja prática, seja simbólica, seja física, tem sido oprimir sexualidades dissidentes.



Los Atravesados habitam aqui

Na obra *Borderlands*, Anzaldúa faz uma leitura sobre o ser humano para engendrar os efeitos de sentido que emergem do léxico da fronteira. A chicana comenta que os proibidos e os ilegais são seus habitantes. *Los atravesados* habitam aqui. Quem são eles? De acordo com ela, eles são: o perverso, o queer, o mulato, o mestiço etc. Isto é, aqueles que atravessam ou enfrentam os confins daquilo que é entendido como normal (Anzaldúa, 2012).

O poema coloca o sujeito queer na rua onde a violência ocorre e descreve tanto a violência do encontro quanto as relações entre a vítima e o seu transgressor. *Yo no fuí, fue Teté* detalha como a violência heterossexista e homofóbica reverberam dentro das comunidades e ilustra como a heterossexualização é usada para decretar e impor fronteiras. *Yo no fuí, fue Teté* me faz refletir em relação à responsabilidade que eu deveria tomar por fazer parte de um corpo social e que coloco no outro, o agressor, a culpa da violência cometida, a qual deveríamos confrontar como cidadãos conscientes. Tal ação me isenta de repensar minhas práticas. A repulsa do corpo queer para o outro significa o desconhecimento que temos de nós mesmos, ou seja, é a recusa de querer e poder aprender com e a partir daquilo que me falta e do outro diante de mim possui.

Fazia-me pequeno, desinteressante, mudo. Apagava os meus passos para não ser percebido. O que me deixava desconfortável eram os olhares que me penetravam e acusavam o jeito que eu andava, gesticulava e falava. Diziam-me:

Menino, anda direito.
Menino, engrossa a voz.
Ixi... esse seu jeitinho.

Junto aos meus, trago recortes do poema de Anzaldúa (2012):

me cuspiram na cara
bajulador, babaca, puta de merda⁴

Xingamentos e insultos podem ser usados para diminuir o outro, especialmente em contextos de violência verbal. Os insultos podem ser também uma maneira de tentar

⁴ *me escupieron en la cara / lambiscón, culero, pinhce puto.*



controlar o corpo. Segundo Linda Heidenreich, a violência transfóbica e homofóbica só podem ser racionalizadas em um sistema social onde participar de papéis de gênero normalizados é central para aquilo que humaniza uma pessoa (Heidenreich, 2006). Nossos corpos são vigiados. As tentativas emergem na tentativa de anular a diferença, a singularidade, a particularidade, bem como reduzir o outro ao mesmo. O uso de palavras ofensivas, seja com a intenção de magoar e humilhar, pode ter um impacto negativo na autoestima e na saúde mental da pessoa agredida. Quantos de nós queer temos que lidar com nossa autoestima devido ao constante sangramento de nossas feridas ainda não cicatrizadas?

Fui aos poucos empurrado e arrastado para além da fronteira da dita normalidade. Acreditei que algo em mim deveria ser mudado. Meu corpo performou uma feminilidade que foi sufocada por muito tempo pela homofobia. Ensina-me a sufocá-la. Performances consideradas desajustadas, proibidas, demoníacas. A minha feminilidade tornou-se visível, trazendo à tona um estereótipo atribuído aos nossos corpos queer afeminados, qual seja, a passividade durante a relação anal, o que tem sido fundamental no discurso sobre a homossexualidade masculina brasileira desde então.

Ao longo das minhas descobertas, venho aprendendo a questionar minha própria subjetividade. Eu era um imigrante, por vezes ainda o sou, no meu próprio corpo. Aceitar-me tem sido uma tarefa difícil, pois ainda as feridas não saradas sangram quando menos espero. A casca que as protege pode ser arrancada pelo meu abusador sem piedade. Ser gay não é mais um peso que outrora a igreja me impunha carregar. Agora são algumas raízes de crenças religiosas que persistem em crescer toda vez que diante de algo desconfortável me remete a algo que vivenciei. Entro num processo de desconstruir tais crenças e repensá-las para, por conseguinte, ressignificá-las. As vezes não consigo. É tão incerto. É inesperado. É dolorido.

Como Anzaldúa e no seu poema, vivenciei a intolerância por aqueles que eu chamo de meu povo. Homofobia parece ser uma maneira de autoafirmação étnica para os mexicanos nos Estados Unidos da América (EUA). No Brasil, expor a sua sexualidade pode precisar estar atento aos sinais de possíveis atos de violência e



discriminação, sobretudo em lugares remotos ou com alto índice de mortes violentas de LGBTQIA+, por exemplo, Região Sudeste e Nordeste⁵. Violência e discriminação contra corpos queer são praticadas devido à homofobia estrutural advinda do governo e religião. Ainda temos de explicar o básico. Repetir que o gênero é algo que fazemos e performamos (Butler, 2002). E que sexo é uma categorização biológica baseada principalmente no potencial reprodutivo.

Eu me lembro quando a questão identitária tornou-se um questionamento para mim. Quando ainda era criança, por volta dos seis ou sete anos, meus primos diziam que eu tinha um jeitinho diferente. Aprendi logo cedo que esse sufixo -inho adicionado à palavra jeito possuía outros efeitos de sentido que conheci primeiramente no corpo. Sabe-se que o sufixo *-inho* indicar diminutivo, transmitindo a ideia de algo menor, delicado e carinhoso, dependendo do contexto. Também expressa afetividade ou humor, e em alguns casos, gera um sentido pejorativo, depreciativo.

No poema o sujeito agredido relata que foi chamado de filho da *chingada*. De acordo com Alfred Arteaga (1997), *La Chingada* vem da conquista espanhola, da formação da nação mexicana — da mistura de espanhóis e indígenas — e da violação. Esse termo pode ser traduzido para o inglês como *quem-fodeu* e *aquele-que-se-fodeu*. Segundo Octavio Paz, em sua obra *The Labyrinth of Solitude* (1961), comenta que a Chingada é a mãe que sofreu — metafórica e efetivamente — a ação corrosiva e difamatória implícita no verbo que lhe dá o nome: *la Chingada*. Em meio à pluralidade de significados, o verbo *chingar*, como verifica Paz, inclui a ideia de agressão, denotando uma violência pelo ato de penetrar o outro pela força; significa ferir, lacerar e violar, implicando conotações sexuais de violência. Não foi que aconteceu no Brasil também?

O corpo queer torna-se um objeto de escárnio e uso, sem valor quando está diante da prática violenta heteronormativa visível, mas com valor de uso sexual no esconderijo da hipocrisia que abraça aqueles que gozam do privilégio de estar encaixados dentro da heteronormatividade.

Assim, envidescer é poder e saber que nos direciona a partir dum olhar que destoa daquilo que é homogêneo e tem definição uniforme. O pensamento queer pode

⁵ Leia mais sobre esta informação aqui <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-gay-da-bahia>



ser definido como um processo que foge das normas heterossexuais, o que significa a busca por formas alternativas de desejo e de valores estéticos.

O pensamento homogêneo é desafiado pela multiplicidade. Gloria traz o exemplo da Deusa Coatlicue que nos fornece fios imaginativos para pensar essa multiplicidade. A Deusa representa, nas palavras de Anzaldúa (2012), dualidade em vida, uma síntese de dualidade e uma terceira perspectiva, algo mais que uma simples dualidade ou uma síntese de dualidade. Coatlicue é composta de uma contradição dialética, revelando um terceiro elemento, ou seja, uma síntese do masculino e feminino. É uma relutância ser governado pela lógica binária, refutando o discurso hegemônico de gênero. O objetivo de Anzaldúa é de compreender o fio discursivo de gênero que transpassa as bordas, ou seja, a margem onde a identidade de gênero não faz sentido, compreendendo a ambivalência da Deusa Coatlicue como algo a mais (Anzaldúa, 2012). A escritora não define o que seria esse algo a mais, o que dá a possibilidade de sempre pensarmos em algo que não fixo. Esse processo camaleônico que não é estável está entrelaçado no imaginário queer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir do poema *Yo no fuí, fue Teté*, escrito por Gloria Anzaldúa, examinei a relação entre identidade e as subjetividades homoeróticas com o intuito de refletir as estratégias usadas pela violência simbólica e física contra os corpos queer. O poema me atravessa, levando-me a repensar minhas práticas. É um movimento de analisar minhas feridas para encontrar qualquer tipo de cura, mesmo que seja a possibilidade de dá-las significados outros.

O poema traz reflexões em relação ao gênero, à violência e à sexualidade. Essa violência dentro um quadro histórico se estende do passado ao presente. Esta compreensão pode nos oferecer um contexto pelo qual se pode avaliar a violência perpetuada contra e dentro das comunidades e famílias brasileiras. É importante ressaltar que a violência continua a acompanhar os processos sociais, mostrando-nos e direcionando-nos para as contradições internas da heterossexualização.



REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ANZALDÚA, Gloria. *The Gloria Anzaldúa Reader* (Ed. AnaLouise Keating). Durham and London, Duke University Press, 2009.

ARTEAGA, Alfred. *Chicana Poetics: Heterotexts and Hybridities*. Cambridge: Cambridge UP, 1997.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 2002.

HEIDENRIECH, Linda. *Learning from the Death of Gwen Araujo? Transphobic Racial Subordination and Queer Latina Survival in the Twenty-First Century.*” *Chicana/Latina Studies: The Journal of Mujeres Activas en Letras y Cambio Social* 6(1): pg. 50–86. 2006.

PAZ, Octavio. *The Labyrinth of Solitude: Life and Thought in Mexico*. Trans. Lysander Kemp. New York: Grove Press, Inc., 1961.

TINOCO, João Paulo F. “*CONTROLE SUA LÍNGUA*”: uma análise discursiva Fronteriza da escrit(ur)a no processo identitário da mulher Chicana mestiza. 2021. 340 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.